



NOÇÃO DE ERRO: DISCUSSÕES PARA UM ENSINO PRODUTIVO

Rosangela dos Santos Marques
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: rosandagg@gmail.com

Elenita Alves Barbosa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: nitajord@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Após alguns anos de experiência docente, especificamente com a disciplina Língua Portuguesa, e, concomitante a isso, muitos estudos acerca de como deve ser o ensino dessa disciplina nas escolas, procuramos olhar de maneira peculiar a existência do discente, do contexto em que vive e o uso da linguagem em seu dia a dia.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa surgiu a partir de uma aula, na qual um discente, no decorrer de uma produção textual, emprega a palavra “Vije”. Ao ser retificado por um colega, faz objeções, questionando ao professor a origem da palavra, ou seja, o discente não aceita a correção, além disso, apresenta argumentos convincentes de que sua escrita está adequada.

A partir dessa realidade, sabemos que, a rigor, muitas vezes, é comum, na prática pedagógica o ensino de Português ser confundido com o ensino da norma padrão homogeneizadora, estática, que não se aproxima dos reais usos da língua nas diversas situações socioculturais. Dessa forma, o ensino de Português pode ser prejudicado, pois além de rejeitar a multiplicidade linguística brasileira, pode gerar o preconceito linguístico. Almejamos em nossa prática pedagógica, ao ensinar a língua materna, desenvolvermos a competência comunicativa¹ de seus falantes enquanto “escreventes”, isto é, proporcionar aos educandos condições de refletir criticamente sobre o mundo que os cerca e, sobretudo, utilizar a língua como instrumento de interação social. Porém, para que isso ocorra, os educadores devem estar preparados para sanar as dúvidas que surgem nas aulas e realizar reflexões produtivas embasados na gramática reflexiva.

¹ Constatamos que “A competência comunicativa implica duas outras competências: a gramatical ou linguística e a textual” (TRAVAGLIA, 2009, p. 17).



Nessa direção, apresentamos um estudo sobre a relevância da sociolinguística na formação dos professores, e propomos, a partir de uma situação real, alternativas que articulem conhecimentos semânticos, pragmáticos e discursivos para o ensino produtivo da língua, além de estarmos promovendo uma prática pedagógica inclusiva, na qual não só uma norma seria privilegiada, mas, sim, um rol de variedades linguísticas seria contemplado para que os estudantes possam adequá-las às suas demandas diante das diversas situações reais de uso da língua.

METODOLOGIA

Essa pesquisa, com o intuito de contribuir para a formação do professor sob a perspectiva da Sociolinguística, surgiu durante a aplicação de uma sequência didática em que estava sendo abordado o gênero textual História em Quadrinhos. Em uma das etapas da atividade, foi solicitado aos discentes, do 6º ano C, que produzissem falas para os balões, em uma tirinha da Turma da Mônica. A finalidade essencial da atividade foi a de que o aluno produzisse falas coerentes com as expressões fisionômicas das personagens e suas ações expressas por meio da linguagem visual e por meio da qual se manifestasse, livremente, mesmo seguindo um roteiro, trazendo à tona, dessa forma, a sua compreensão de mundo. Nesse sentido, buscamos que os participantes percebessem a língua como forma de expressão em situações de usos diversos.

A aula supracitada ocorreu na Escola Municipal em Tempo Integral Oscarlina Oliveira Silva, localizada à rua Armindo da Silva Leite, 300, Bairro Dr. Juracy Pires Gomes, Brumado-Bahia. Atende a uma clientela de aproximadamente 180 alunos, distribuídos em nove salas de aulas do Ensino Fundamental II, sendo: quatro salas de sextos, duas salas de sétimos, duas salas de oitavos e uma de nono.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos o decorrer da atividade, notamos que o discente J. V. B. M escreveu a expressão “Vije” para indicar, possivelmente, uma interjeição de espanto, que, de acordo ao contexto da história em quadrinho, estaria adequado. Porém, outro aluno, vai até a sua mesa e relata que ele escreveu a palavra de forma errada, pois essa palavra deveria ser escrita com “x” como em “Vixe”. A situação vivida esboça a



dicotomia certo x errado e poderia ter sido encerrada, por exemplo, como é muito comum com o aluno J.V.B. M. aceitando o erro ortográfico e realizando a correção. Entretanto, J. V. B. M não se conformou e argumentou que a sua escrita havia sentido. Esse fato surpreendeu o docente que, percebendo alguma intuição linguística, questionou ao aluno o sentido daquela escrita. Ele prontamente respondeu que “*Vije vem da palavra Virgem Maria*”. Após parabenizar o raciocínio do aluno, o professor relembrou as aulas sobre a variação linguística abordadas em outra unidade, fazendo um comparativo com a expressão “Vossa Mercê” e que, atualmente, já é realizada nas interações orais como “Cê” e, assim, foram resgatadas também as questões de certo/errado, adequada/ não adequada de acordo ao contexto de uso da fala.

Partindo da premissa de que a língua não é formada por fatos isolados, não podemos analisá-la apenas como uma questão de certo ou errado, ou com uma visão simplista de que para efetivarmos atividades de leitura e escrita, necessitamos estudar a gramática. A língua, como afirma Antunes (2007, p. 21) “é um ato humano, social, político, histórico, ideológico, que tem consequências, que tem repercussões na vida de todas as pessoas.” Concebemos a língua como algo inerente ao ser humano, por meio dela interagimos, nos sentimos pertencentes a um determinado grupo.

O mesmo ocorre com a gramática dessa língua que vai sendo aprendida naturalmente, diante das diversas situações sociais de uso da língua. Destarte, aspiramos despertar uma visão mais ampla dos elementos constituintes de uma língua. Valorizar as “mudanças” que surgem e não as taxar, simplesmente, como erros são ações necessárias ao fazer docente. Martins (2014) a respeito do registro da fala do dia a dia assegura:

Como não é papel do professor combater a variação linguística, mas trabalhar com seus alunos as formas em seus contextos de usos e todas as implicações desse uso, caberia apresentar reflexivamente toda riqueza observável nas situações de variação pragmático-discursiva, o que envolve quem usa, quando usa, porque usa, em que gêneros textuais, modalidades da língua registros, com que efeitos semânticos-pragmáticos, com que intenções, e qual avaliação a comunidade de fala tende a ter desses usos (MARTINS, 2014, p.30).

Deste modo, a nossa pesquisa debruça na palavra “vije” empregada por um discente. Percebemos, assim como na aula descrita, que as palavras não surgem ao acaso, ou seja, não adentram em uma língua de forma aleatória, há uma multiplicidade



de fatores envolvidos tais como: a percepção de mundo do falante, a época em que ele se encontra, as situações sociais vivenciadas por esse falante etc. Antunes (2007, p. 42 e 43) corrobora mais uma vez “[...] o léxico expressa, magistralmente, a função da língua como elemento que confere às pessoas identidade: como indivíduo e como membro pertencente a um grupo.” É válido ressaltar que o elemento lexical é bem considerado para se reconhecer os usos prestigiados da língua. As variações lexicais estigmatizadas não passam alheias aos nossos sentidos. Olhando por esse viés, empregar um vocabulário mais amplo, mais rico pode ser um prestígio para os falantes devido às possibilidades comunicativas que ele proporciona. Mas não podemos esquecer que o bom uso de uma língua está relacionado à sua adequação às condições de uso. Assim, Antunes (2007, p.45) reforça: “O fundamental é explorar o espírito do processo de formação de palavras. Quer dizer, explorar a possibilidade do léxico de abrir-se indefinidamente a incorporação de novas palavras, criadas no interior da língua ou trazidas de fora; adaptadas ou ressignificadas.”

Explorando o léxico nessa perspectiva, estaríamos assumindo posições legítimas de observantes da língua, promovendo participações ativas, enxergando possibilidades lexicais de funcionamento da língua, assim a aprendizagem se tornará significativa. Em consonância ao que estamos discutindo, Travaglia (2011, p.22) afirma que “alguém será um bom usuário da língua quando souber usar de modo adequado os recursos da língua para construção/constituição de textos apropriados para atingir um objetivo comunicativo dentro de uma situação específica de interação comunicativa”.

Assim sendo, verificamos que a nossa pesquisa segue os princípios da teoria sociolinguística, na qual há a abordagem dos aspectos sociais e culturais da produção da língua, ou seja, a fala em seu aspecto social e não individual. A forma como a língua é falada constitui, efetivamente, o objeto de estudo da Sociolinguística. Percebemos, então, como o fator social é relevante na efetivação da linguagem, pois o homem, ao adquiri-la, utiliza-a com o intuito de se comunicar. E, conseqüentemente, fica evidente que não estudar a língua em uso pode gerar lacunas irreparáveis no processo ensino-aprendizado de variedades da língua, inclusive na compreensão das normas linguísticas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, de acordo ao trajeto bibliográfico realizado compreendemos que os discentes possuem uma carga linguística significativa ao adentrar na escola, sendo função da escola como afirma Neves (2003, p. 94) “[...]dar vivência plena da língua materna. Todas as modalidades têm de ser valorizadas (falada e escrita, padrão e não padrão)” para que ocorra um aprendizado significativo. Neste sentido, vale ressaltar que não considerar estes aspectos, estaríamos negando o objeto da sociolinguística que é a língua em sua conjuntura social, além de destituí-la de seu caráter inclusivo.

Portanto, a pesquisa apontou que para um ensino produtivo de língua devemos nos ancorar nos pressupostos da Gramática Reflexiva e da sociolinguística, assim como Travaglia (2011) ousa lembrar-nos de que a missão maior do docente em relação ao ensino é a de desenvolver a competência comunicativa do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Gramática Reflexiva; Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MARTINS, Marco Antônio (orgs.). *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura Neves. *Que gramática estudar na escola*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática ensino plural*. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.